



MODERNIDADE E RAZÃO: CONTINUIDADE E RUPTURA

Joaquim Pacheco de Lima¹

RESUMO

A modernidade não chegou ao fim; meramente passa por uma crise interna. Oriunda de seu desenvolvimento e por adotar um modelo de racionalidade instrumental, que se tornou dominante, acabou obstruindo outros modelos de racionalidade possível. Na busca da gênese da idéia de modernidade filosófica fundamentada na razão, o Iluminismo é uma das fontes. A compreensão dos fenômenos e vivências na busca de significados, o itinerário de surgimento e consolidação da modernidade, e os correspondentes modelos de racionalidade, têm como interlocutores Hume, Kant, Hegel. Embora divergentes e complementares, contrapõem a tradição metafísica de conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade; Racionalidade; Conhecimento; Iluminismo.

ABSTRACT

Modernity did not come to an end; it is merely undergoing an internal crisis. Springing from its development and due to having adopted a model of instrumental rationality, which became dominant, it ended up obstructing other models of possible rationality. In the search of the genesis of the idea of philosophical modernity based on reason, Illuminism is one of its sources. The understanding of the phenomena and experiences in search for meanings, the itinerary of modernity's uprising and consolidation, and the corresponding models of rationality have Hume, Kant, Hegel as interlocutors. Although divergent and complementary, they oppose the metaphysical tradition of knowledge.

KEY-WORDS: Modernity; Rationality; Knowledge; Illuminism.

¹ Docente da Unifil dos Cursos de Pedagogia e Turismo.
Pós-graduado em Filosofia e Sociologia.
E-mail: joaquimpio@yahoo.com

INTRODUÇÃO

No caminhar da filosofia contemporânea não houve privilégio de um tema central em sua práxis filosófica, mas a atividade racional e suas modalidades se impuseram. As emergências histórico-sociais fizeram com que velhas tendências filosóficas proporcionassem o surgimento de novas teorias, privilegiando problemas emergentes no quadro atual. A idéia de modernidade filosófica pressupõe captar a idéia de razão, uma razão alargada. Objetivamos indagar sobre as bases filosóficas que fundamentam a modernidade. Inicialmente, situamos a **modernidade como inacabada**, conforme afirma HABERMAS (2000). Esm sua obra clássica “*O Discurso Filosófico da Modernidade*”

Observamos que o intuicionismo, o neopositivismo e a fenomenologia atacaram antigas verdades, como o culto à razão humana, como único critério de verdade, mostrando novos caminhos, tornando transparente a realidade. Noutro campo, o pragmatismo, o marxismo, o existencialismo e o estruturalismo representaram novas formas de compreensão do real. Ao considerar o útil e o necessário como verdadeiro (pragmatismo), pondo fim ao modo de pensar metafísico; ao investigar a sociedade capitalista e suas relações (marxismo); ao verificar a autenticidade e inautenticidade dos sujeitos e sua existência (existencialismo); e ao buscar conhecer a sociedade nas suas estruturas internas (estruturalismo), e são representadas novas formas de conhecer o mundo. Cada concepção retoma ou renova, inaugura forma nova de pensar. A modernidade é a entranha desse processo. O **Iluminismo**² é o movimento cultural portador de uma visão unitária do mundo e do Homem, que, apesar das diversidades de leituras, conservou a certeza quanto à racionalidade do mundo do Homem, a qual seria imanente em sua essência. Daí, vale destacar a antropologia das “Luzes”³, tendo como primado absoluto da razão e o caráter universal e eterno da natureza humana, na perspectiva da ciência do Homem.

As mudanças nas estruturas do pensamento se expressam no agir humano quando alguns firmam a razão instrumental (Adorno, Horkheimer, Habermas e outros), declinando a potencialidade, afirmando o dogmatismo; de outro lado, outros apontam a razão comunicativa como possibilidade. A razão perde o caráter abstrato em favor do dialogal (Jurgen Habermas). Nada pode ser definitivo,

² **Iluminismo** – uma categoria com vários matizes. Buscando no Dicionário Aurélio, há uma polissemia que vai desde a palavra até os sentidos, cuja metáfora usada seja “do Período das Luzes”.

³ Ver GUSDORF, Georges. **Introduction aux sciences humaines**. Paris: Ophrys, 1988.

tudo pode ser contestado e analisado, e isso se dá no movimento. Neste caminho, no qual se enquadra modernidade na múltipla e ambígua compreensão, situa-se a ética, pois o agir humano, as deliberações e os comportamentos que para alguns são anômicos, viciados ou antinaturais são parte do processo de evolução do pensamento, sendo, para outros, fruto da natureza nos seus limites e assentado em uma dada cultura.

Percorreremos as bases que fundamentam a modernidade, tendo como destaque os aportes teóricos do Iluminismo (antropologia, filosofia da natureza humana, humanitas, civilização e progresso). No segundo momento, almejamos caracterizar a modernidade enquanto projeto inacabado no contraponto com a pós-modernidade, expondo o pensamento de David Hume e Immanuel Kant. No contexto de crise dos valores morais, hoje, a filosofia contemporânea expressa a “crise ética”, conforme a reflexão de CHAUI (1996), algumas linhas de pensamento sobre ética e sua relação com a modernidade e pós-modernidade.

Não é nosso projeto tratar a modernidade em sua dimensão axiológica e política, pois seria necessário apontar alguns pensadores pós-modernos (Lyotard, Jamenson, Rawls, Wittgenstein, Harvey, entre outros). Por outro lado, não desejamos indagar, na filosofia contemporânea, sobre a relação entre razão e sociedade, conforme os filósofos da Teoria Crítica⁴ nas duas modalidades de razão: razão instrumental e razão crítica. Não esquecemos da importância salutar do modelo de racionalidade fenomenológico, cujo expoente é o filósofo Edmundo Husserl, que entendia que o mundo e a realidade são um conjunto de significados ou de sentidos que são produzidos pela consciência ou razão. A razão é razão subjetiva, que cria o mundo como racionalidade objetiva; o mundo tem sentido porque a razão lhe dá sentido.

A razão, eixo da modernidade, posta em crise ou em desencantamento no caminho do pensamento, dobra-se em dois caminhos no campo da ética: o reino da utilidade (necessidade) e o reino da liberdade. A crise da modernidade deve ser encarada, não como o fim de espaço da razão na existência humana, mas como momento salutar para a revisão e a crítica à própria razão no sentido de revigorá-la. A modernidade é um projeto inacabado.

1. As bases do pensamento iluminista e a modernidade

O movimento intelectual, *Iluminismo*, que se desenvolveu (tempo-espaço) nos anos setecentos europeu, expressando as idéias de uma “burguesia em ascensão”, e a crise do Antigo Regime, portador de uma visão unitária do mundo e do

⁴ Os filósofos dessa escola são Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Max Horkheimer e outros.

Homem, nas suas diversidades, tem como ponto central a racionalidade. Segundo FALCON (1991:56), as grandes linhas do Iluminismo foram: o pensamento crítico, o primado da razão, a antropologia e a pedagogia. Vale destacar Adorno (1903-69), filósofo da Escola de Frankfurt⁵, que afirmou o Iluminismo como o

pensar que faz progresso, perseguiu o objetivo de livrar os homens do medo e de fazer deles senhores. Sua pretensão, a de dissolver os mitos e anular a imaginação, por meio do saber (ADORNO, 1999:17).

A modernidade foi levada, desde os fins do século XVIII, a tema filosófico. Cruza-se freqüentemente com o estético⁶. Se são significativas as respostas dadas à pergunta: “Was ist Aufklärung? (Que é o Iluminismo?) – Kant define como “o pensar por si mesmo e a ousadia de fazê-lo”. No artigo *Resposta à pergunta: que é o Esclarecimento?*, Kant afirma:

A saída do Homem da sua menoridade, pela qual ele é responsável. Menoridade, isto é, incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem a orientação de outrem, menoridade pela qual ele é o responsável porque a causa dessa incapacidade não está numa deficiência do seu entendimento, e sim na falta de decisão e de coragem para dele servir-se sem a direção de outrem. Sapere Aude! Tem coragem de servir-te do teu próprio entendimento! Eis a divisa das “Luzes”.

As noções sobre as idéias das “Luzes”, para os iluministas, apesar das múltiplas significações e ambigüidades, não tratavam apenas de um movimento intelectual, modista, mas de um processo de *esclarecimento* do Homem. Havia um *continuum*, traduzido pela idéia de progresso – como capacidade cada vez maior dos homens pensarem por si mesmos.

⁵ A afirmação é de Bárbara Freitag, em *A Teoria crítica ontem e hoje* (1990), “...com o termo ‘Escola de Frankfurt’ procura-se designar a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas, não-ortodoxos, que na década dos anos 20 permaneceram à margem da um marxismo-leninismo ‘clássico’, seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária.”

⁶ Habermas, J. **op.cit.** (2000) prefácio.

O cerne do Iluminismo assenta na secularização e na racionalização (FALCON:1991), surge e se desdobra. Caracterizamos o problema da secularização como passagem da *transcendência à imanência*,⁷ da verticalidade à horizontalidade, que se expressou nas mudanças no campo político, econômico e no ideológico. Chauí caracteriza a modernidade no campo ético, “afasta a idéia (medieval renascentista) de um universo regido por forças espirituais secretas que precisam ser decifradas para que com elas entremos em comunhão.”⁸ O secular impõe-se ao sagrado. O mundo se desencanta, afirma Max Weber.

A passagem à imanência está associada às idéias de ‘progresso’, ‘civilização’ e ‘cultura’, ao tratar as relações entre o Homem e a natureza. As reações contra o novo espírito científico foram acentuadas. O paradigma naturalista colocou-se em evidência e o racionalismo naturalista proporcionou, com o secularismo, independência nos diversos campos do conhecimento. Buscou-se a superação da tutela teológica e metafísica. No campo da ética, conserva-se a idéia de que a virtude⁹ é dever e obrigação em face das normas e valores universais (obrigação da razão contra o império caótico das paixões).

Em nome da razão e da liberdade de pensamento, durante o período iluminista, desenvolveram-se ferrenhas críticas às crenças e práticas religiosas, afirmando que a razão deve ser o único critério válido, de acordo com a própria vontade divina¹⁰. O racionalismo do século XVII, de Descartes, Spinoza, Leibniz, e outros, não acredita numa razão definida como somatório ou síntese de idéias inatas reveladoras da essência absoluta do existente, mas sim numa aquisição possível. A razão “é uma força intelectual original cuja função maior é a de guiar o intelecto no caminho que o leva à verdade” (FALCON:1991). Também não é um conhecimento *a priori* sobre verdades preexistentes, mas energia, força intelectual compreensível e perceptível através da prática e não é escrava dos dados empíricos. É instrumento de mudança de pensamento. Pensar racionalmente é ter capacidade de criticar, de duvidar e, se necessário, de demolir. É crítica de um modo tradicional de pensar nas suas formas e conteúdos. O tribunal da crítica chegou a criticar a concepção do racionalismo iluminista, e a grande expressão é I. Kant. Os iluministas compreendiam a filosofia enquanto forma de pensar que, ao dar ênfase ao sentido da indagação descoberta, razão crítica e criadora, e progresso da razão, levará o Homem à verdadeira liberdade.

⁷ Sérgio ROUANET em *As razões do Iluminismo* (1987) aponta no Iluminismo a questão da transcendência e imanência.

⁸ CHAUI, Marilena. Público, privado e despotismo. In: *Ética*. Rio de Janeiro: Cia das Letras, 1996. p.350.

⁹ Chauí, *op. cit.* p.350.

¹⁰ Na França cresceu um anticlericalismo – Voltaire é uma das expressões – incutiu-se uma visão maniqueísta na secularização: razão x religião, natural x sobrenatural, etc.

Adorno em “Conceito do Iluminismo” (em parceria com Horkheimer), expressa o risco da racionalidade:

Mesmo que não se possa deter na fuga diante da necessidade, no progresso e na civilização, sem renunciar ao próprio conhecimento, a humanidade não mais incorre no erro de tomar por garantia de uma liberdade vindoura os diques que constrói contra a necessidade, as instituições, as práticas de dominação, que desde sempre refletiram sobre a sociedade, a partir da subjugação da natureza.¹¹

O pensador frankfurtiano adensa a razão enquanto predica que o Iluminismo deixou de lado a exigência clássica de pensar o pensamento, porque ela se desviava do imperativo de comandar a práxis.

A modernidade, segundo HANSEN(1999:15), é entendida como um novo modo de compreender a existência humana e, a partir dela, a natureza, além das relações sociais, políticas e econômicas, jurídicas, morais e culturais; em suma, é um período marcado por um novo modelo de racionalidade de inspiração técnico-instrumental, contrapondo a racionalidade religiosa, metafísica, proporcionando confiança no poder e na autonomia da razão. Frente às afirmações supra citadas, duas questões levantam guarda: se os gregos, romanos, chineses e outros desenvolveram modelos de racionalidades para explicar e compreender a si próprios e ao entorno; e se a filosofia tem como tema fundamental a razão.

2. Modernidade, projeto inacabado

A modernidade é um tema complexo numa abordagem filosófica. Desde a origem, há posições divergentes e dissonantes entre os opositores da metafísica – corrente de pensamento dominante (poderes institucionalizados: Igreja e Estado) até o século XVI. Surge a modernidade com modelos diversos no ato de conhecer, bem como nas concepções de sociedade, Homem e mundo.

No contexto social, econômico e político, marcado pelas Revoluções Industrial e Francesa, pelo surgimento dos Estados Nacionais e o movimento de Reforma e Contra-Reforma, foi constituída a burguesia.

A modernidade, no campo da filosofia, expõe três pensadores: Kant, Hegel e Marx, sendo eles os expoentes fundamentais que no seu eixo promoveram discordância e complementariedade no processo de reflexão e auto-avaliação

¹¹ ADORNO, 1999, p.59.

(HANSEN, 1999). Estes pensadores impulsionaram outros a darem continuidade, tais como Nietzsche, Heidegger, Foucault, a Escola de Frankfurt e Max Weber. Estes repensaram a modernidade enquanto processos históricos, reinterpretando e apontando um novo movimento estético-filosófico denominado Pós-Moderno.¹² Segundo os pensadores pós-modernos, a modernidade chegou ao fim ao não mais alimentar as utopias, gerando a pós-modernidade.

Surgem daí três modos de compreender a modernidade: 1. **Modernidade racionalista – tecnicista**, que entende que a modernidade impulsionou negativamente a destruição, dominação e a miséria a partir do domínio da técnica; 2. **Modernidade niilista**, uma abordagem niilista, cuja razão assume caráter instrumental; instrumento de domínio e de emancipação do ser humano (Nietzsche - Foucault). Também é momento de maturação da razão, onde a própria razão destrói a razão utópica da razão. Cresce, amadure e desaparece; 3. **Modernidade racionalista-universal**, na qual os pensadores vêem a modernidade como momento de desenvolvimento da razão humana e acreditam na emancipação da razão. Entendem que os problemas (crises) são frutos da absolutização da razão e de seu aporte técnico-instrumental. Os limites de um modelo de racionalidade não invalidam todo e qualquer modelo de racionalidade. Cabe aos filósofos refletir sobre o fazer – os modelos de racionalidade que melhor se adaptem às necessidades da população. Por isso, o modelo não chegou ao fim, mas ao ocaso. Continua sendo um projeto inacabado.

3. Linhas de pensamentos fundantes sobre a Modernidade

Segundo HANSEN (1999:37), os elementos filosóficos que caracterizam a “mentalidade” moderna na sua gênese são: a Razão, na política - governos legítimos e racionais com parlamentos funcionais; na economia - ações individuais e de grupos planejadas com parâmetros racionais; na esfera social – funcionamento e participação dos vários segmentos em bases racionais na defesa dos direitos; e, finalmente, no âmbito religioso, a Reforma inseriu as instituições religiosas nos moldes da nova racionalidade, e o Protestantismo é a expressão mais genuína da compreensão de racionalidade.¹³ Por fim, o conhecimento sistemático tornou-se o elemento mordaz na Modernidade, com a secularização do conhecimento, isto é, saindo dos mosteiros e universidades, proporcionando o desenvolvimento e o entendimento crítico da população.

¹² Alguns cientistas sociais denominaram de pós-industrial ou de pós-racional.

¹³ Max WEBER tematiza na obra “**Ética protestante e o espírito do capitalismo**”, 1985.

O conhecimento assume validade se submetido a critérios racionais e a métodos de averiguações confiáveis. Terminando, desenvolve também, no berço da busca do conhecimento, o resgate da subjetividade. As reflexões acerca do conhecimento, conforme Descartes, Bacon e outros, abordam a subjetividade sob o prisma da razão moderna.

Na tentativa de romper com a tradição e as concepções metafísicas surgem algumas reflexões: a) Francis Bacon prega uma nova corrente do conhecimento, o Empirismo, cuja base está colocada na experiência desenvolvida por um sujeito dotado de razão, buscando o que envolve a existência do Homem (natureza, cultura e sociedade); lançou as bases da ciência moderna; b) O *cogito* cartesiano – René Descartes, com o Racionalismo, cujo ponto de partida é o *cogito ergo sum*: a partir de um ato de consciência (dúvida), instaura-se um processo que vai culminar com a certeza, não apenas do **eu**, como também da possibilidade de, a partir dele deduzir o mundo.

O Empirismo (inglês) e o Racionalismo (francês) trouxeram contribuições valiosas, proporcionando o novo projeto de consolidação da modernidade no seio do Idealismo Alemão, cujas maiores contribuições foram de Kant e Hegel, e, por extensão, de David Hume. Vejamos:

a) HUME – O EMPIRISMO E A CONSOLIDAÇÃO DA MODERNIDADE

A autocertificação da Modernidade, capaz de marcar as diferenças da racionalidade moderna na sua relação com os outros modelos que precederam o século XVIII, tem em Hume um crítico mordaz das interpretações do Racionalismo e do Empirismo. A obra de Hume *Investigação sobre o entendimento humano* (1748) apresenta a crítica ao Racionalismo que negligenciou a importância da *experiência*, não lhe atribuindo o devido valor enquanto fonte do conhecimento. Há uma primazia no método dedutivo e os racionalistas se perdem em elucubrações (HANSEN, 1999:56). Os empiristas defendem o princípio de que o conhecimento advém da experiência, donde vêm as impressões que vão originar as idéias ou pensamentos.

A conexão das idéias, segundo HANSEN, se dá de três maneiras: por semelhança, por contigüidade e por causalidade. A conexão ocorre sempre e ali uma das duas classes de objetos investigados pelo entendimento, ou seja, refere-se a relações de idéias ou a questões ou coisas de fato (*matters of fact*). A causalidade é um princípio relacional oriundo da experiência, e não como elemento *à priori*, seja do entendimento ou da natureza. Causa e efeito não são noções pré-dadas, mas sim *conjunções habituais*. Os hábitos e costumes com o tempo vão adquirindo solidez, chegando à aparência de leis da própria natureza. O futuro será semelhante ao passado a partir das experiências:

*O costume, pois, é o grande guia da vida humana. Unicamente este princípio nos torna úteis à experiência e nos faz esperar para o futuro, uma série de eventos semelhantes àqueles que apareceram no passado. Sem a influência do costume, seríamos plenamente ignorantes em toda questão de fato para além do que está imediatamente presente à memória e aos sentidos.*¹⁴

Assim sendo, Hume destrói os princípios da causalidade e as noções de substância¹⁵ e identidade da tradição filosófica metafísica. Em suma, Hume vem consolidar a concepção da razão formal e autônoma, não submetendo a tradição metafísica, embora tenha negligenciado a questão dos *a priori* que, na continuidade, Kant abordou.

b) KANT – E A RAZÃO CRÍTICA

Contrapondo-se aos empiristas e inatistas, Kant diz que “todos os filósofos parecem ser como astrônomo geocêntrico, buscando um centro que não é verdadeiro”.¹⁶ Parecem alguém que quer assar um frango girando o forno em torno dele e não o frango em torno do fogo. É preciso colocar a razão no centro e indagar: o que é a razão? O que ele (quem é ele? Se for a razão, é ela) pode conhecer? Quais são as condições para que haja conhecimento verdadeiro? Quais os limites da razão humana? Como a razão e a experiência se relacionam?

Para Kant, a razão é constituída de três estruturas *a priori*: a) forma de percepção sensível e sensorial; b) estrutura ou forma de entendimento; c) razão propriamente dita – que se relaciona consigo mesma. A razão é uma estrutura vazia, sem conteúdo, e universal; a mesma para todos os seres humanos, em todos os tempos e lugares. A estrutura é inata, isto é, *a priori*. O conteúdo que a razão conhece, este sim advém da experiência. A matéria do conhecimento, fornecida pela experiência, vem depois, *a posteriori*. A experiência não é causa das idéias, mas é a ocasião para que a razão formule a idéia.

O conhecimento racional é a síntese que a razão realiza entre a *forma universal* inata e o *conteúdo particular* oferecido pela experiência. A razão, propriamente dita, tem a função de regular e controlar a sensibilidade e o entendimento na atividade do sujeito do conhecimento.¹⁷

¹⁴ Cf. D. HUME, *Investigação sobre o entendimento humano*, p.49.

¹⁵ Princípios do “*corpus aristotelicum*”.

¹⁶ Kant em resposta filosófica aos problemas do inatismo e empirismo diz que é preciso realizar uma ‘revolução copernicana’, considerando o que fizera Copérnico, dois séculos antes, no campo da Astronomia.

¹⁷ Cf. M. CHAUI, *Convite à Filosofia*, p.80.

Assim sendo, segundo Kant, a razão com suas estruturas não pode conhecer a realidade em si mesma, mas sim os objetos do conhecimento, cujo conteúdo empírico recebeu as formas e categorias do sujeito do conhecimento. Não é possível conhecer a realidade em si, espacial, temporal, causal, qualitativa, quantitativa. A razão é subjetiva ao possuir uma estrutura universal, necessária e *a priori*, que organiza a realidade em termos da forma da sensibilidade e dos conceitos e categorias do entendimento e pode garantir a verdade da Filosofia e da ciência, afirma Kant na *Crítica da razão pura*. Ao expor os limites da razão no conhecimento, assume o caráter de filosofia transcendental.

*Denomino transcendental todo conhecimento que, em geral, ocupa não tanto objetos, mas nosso modo de conhecimento de objetos, na medida em que este deve ser possível a priori. Um sistema de tais conceitos denominar-se-ia filosofia transcendental.*¹⁸

Como vimos, Kant tem importância fundamental na análise da Modernidade, ao defender a necessidade de orientações a ações cuja origem não advém da experiência, mas que estejam fundamentadas na razão autônoma.

A contribuição de Kant para compreender a Modernidade está nas possibilidades da razão, ao estabelecer parâmetros e limites para a mesma. Proporcionou o cuidado crítico de absolutização da razão e da validade do conhecimento e de sua objetividade. A razão se torna crítica de si mesma. A filosofia assume a dimensão argumentativa, expressando o caráter transcendental. A razão busca a emancipação das ilusões e a saída da menoridade; é o momento do Esclarecimento¹⁹ (*Aufklärung*), de realizar as potencialidades.

c) HEGEL – A RAZÃO É HISTÓRIA

A modernidade torna-se problema filosófico com Hegel. Ao criticar o empirismo, o inatismo e o kantismo, aponta que o fundamental no modelo de racionalidade é: a razão é histórica. Contrapõe as afirmações de Kant, Hume, Descartes, que consideravam que as idéias só seriam racionais e verdadeiras se fossem intemporais, perenes, eternas. A razão também teria que ser intemporal.

¹⁸ I. KANT, *Crítica da razão pura*, p.35.

¹⁹ No artigo *Resposta à pergunta: o que é Esclarecimento?* Kant aponta o Esclarecimento (*Aufklärung*) como a única saída para o ser humano se libertar da submissão à razão.

Hegel afirmava que a mudança da razão e de seus conteúdos é obra da própria razão. A razão não está na História, ela é a História. Não está no tempo, ela é o tempo; isto é, dá sentido ao tempo.

Quanto ao conhecimento racional, Hegel contrapunha-se aos empiristas, que afirmavam que a realidade ‘entra’ em nós pela experiência; ou aos inatistas, que afirmavam que a verdade advém de uma força espiritual, energia, fora de nós. O conhecimento parece depender de algo que vem de fora para dentro de nós. Os dois modelos acreditam que o conhecimento racional dependeria dos objetos do conhecimento (objetividade). Também Kant se enganou por acreditar que dependeria exclusivamente do sujeito do conhecimento (subjetividade), isto é, das estruturas da sensibilidade e do entendimento.

O modelo de racionalidade de Hegel é que a razão é a unidade necessária do objetivo com o subjetivo. É a harmonia entre as coisas e as idéias, entre o mundo exterior e a consciência, entre o objeto e o sujeito, verdade objetiva e subjetiva.

Para Hegel, razão é o conjunto das leis do pensamento, isto é, princípios, procedimentos, formas e estruturas necessárias para pensar, as categorias, as idéias. É também a ordem, a organização e o encadeamento e relações das próprias coisas; por outro lado, como síntese, é a unidade oriunda da relação entre as leis do pensamento e do real. A unidade é uma conquista e tem como ponto de chegada o resultado do percurso histórico que a própria razão percorre. Os conflitos filosóficos são expressões históricas da razão que busca conhecer-se a si mesma e, graças a estes conflitos e contradições, pode-se chegar à descoberta da razão como síntese, unidade das teses contraditórias.²⁰

Hegel concebe o sujeito como um ser ativo e dinâmico, construindo-se passo-a-passo na história, enfrentando suas contradições e, ao superá-las, tornando-se mais consciente de si mesmo e dos outros. O sujeito é a expressão da autonomia da razão que se construiu livre e cujo conteúdo não é da razão formal.

A modernidade, que Hegel designava como ‘tempos modernos’, se torna problema filosófico, compreende que a filosofia não deve ensinar/preocupar-se com o futuro, mas tem um compromisso com o seu tempo, com o presente.²¹ Consiste na explicitação e dissolução das falsas identidades e nas contradições desabrochando um novo mundo. Neste sentido, a dialética imanente à existência impele o sujeito à auto-construção e à evolução da consciência pela superação das contradições vividas.

²⁰ Cf. CHAUI, M., *Op cit.* p.81-82.

²¹ Cf. J. HABERMAS, *Discurso filosófico da modernidade*, p.50.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratar a Modernidade numa abordagem filosófica pressupõe apontar as matizes da racionalidade, tendo como correlato a metafísica. Com o advento da ciência no seu caráter prático, novos valores e instituições surgiram, promovendo mudanças na vida social. Ao indagar sobre os fundamentos da modernidade, percebemos que houve continuidade e ruptura no quadro epistemológico, axiológico e antropológico. Entender a gênese da Modernidade exige (re)descobrir o Iluminismo.

A Modernidade se expressa de forma diferente, divergente, antagônica, paradoxal, como pós-modernidade, dizem alguns.²²

As principais características da Modernidade são: racionalidade, universalidade, tecnologia, progresso linear, planejamento racional, padronização do conhecimento e da produção econômica, ênfase no grupo social, visão de história contínua e de verdades absolutas, e a objetividade nas análises. O racional é o verdadeiro. Ciência é a expressão da totalidade.

A pós-modernidade se expressa na irracionalidade, na heterogeneidade, no pluralismo, na fragmentação, no fetichismo da totalidade, na indeterminação, na virtualidade, na descontinuidade e na alteridade. Percebemos uma contradição entre as características da modernidade e da pós-modernidade, mas é neste nexos que ocorre a continuidade e a descontinuidade, e a ruptura com a tradição metafísica.

Todavia, seguindo Baudelaire, há uma tensão entre o “efêmero e o eterno”. A pós-modernidade é uma continuidade da Modernidade, cuja potência havia se originado do Iluminismo. Por isso, entendemos a Modernidade como um fenômeno inacabado, cujos princípios da razão lhe são inerentes.

²² Marilena CHAUI. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 1995.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor, W. Conceito de Iluminismo. *In: Textos escolhidos*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (coleção Os Pensadores).
- ARISTÓTELES. **Textos seletos**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (coleção Os Pensadores).
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.
- CHAUÍ, Marilena. Público, privado, despotismo. *In: Ética*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.
- FALCON, Francisco José C. **Iluminismo**. 3.ed. São Paulo: Ática, 1991.
- FOLSCHEID, Dominique. **Metodologia Filosófica**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FOUREZ, Gerard. **A Construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências**. São Paulo: Unesp, 1995.
- HABERMAS, Jurgen. **O discurso filosófico da modernidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (coleção Tópicos)
- HANSEN, Gilvan Luiz. **Modernidade, utopia e trabalho**. Londrina: Cefil, 1999.
- HUME, David. **Investigações sobre o entendimento humano**. *In: www.cultox.com.br* (e-livros grátis). Acessado em 10.03.2003.
- KANT, I. **Crítica da razão pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (coleção Os Pensadores).
- ROUANET, Sérgio. **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- SOUKI, Nádia. **Hannah Arendt e a banalidade do mal**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- WEBER, Max. **Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1985.